

A Constituinte

A CRISE QUE ASSUSTA OS POLÍTICOS

**Rebelião?
O PFL
pensa
melhor e
desiste.**

A rebelião do PFL contra o governo federal, iniciada ontem pelo ministro das Minas e Energia, Aureliano Chaves — que acusou o governo de protelar decisões importantes para a correção do Plano Cruzado, visando apenas a vitória do PMDB nas eleições de novembro —, encontrou total apoio da bancada do partido na Câmara, que, reunida ontem à tarde, deu um voto de louvor ao ministro pela franqueza de suas declarações. Entretanto, para alguns parlamentares do partido, se houver um rompimento com o governo federal quem sairá perdendo será o próprio PFL. Esses pefelistas justificam a ofensiva, mas preferem canalizá-la contra o PMDB, que seria o verdadeiro culpado pela derrocada do Cruzado. O presidente José Sarney, por seu lado, mesmo descontente com as acusações de Aureliano Chaves, lembrou que a solução está na coesão e na atuação conjunta dos partidos que integram a Aliança Democrática.

Defensor da tese de que o presidente Sarney não pode ficar prisioneiro do PMDB, que lhe dispensa apoio apenas limitado, o ministro da Educação, Jorge Bornhausen, disse que, se o PFL tiver paciência para esperar alguns meses, tomará o lugar do PMDB na firme e clara sustentação do governo José Sarney. Além do mais, sendo um partido nascido no oficialismo, se se distanciar dos postos que detêm no governo, acabaria minguando suas forças.

"Se o PFL romper com o governo Sarney, fica com 40 dos 180 deputados", prevê José Jorge (PFL-PE). "Acredito é que iremos nos aproximar cada vez mais do governo, que não vai contar com o PMDB como estamos vendo. A tendência é que a Frente Liberal seja cada vez mais necessária a Sarney", disse o deputado.

"O PFL até o presente momento não tem feito oposição ao governo. O que quer deixar patente são suas diferenças ante o PMDB. Esta é nossa maior preocupação", ameniza o deputado Thomaz Nono (PFL-AL). Entretanto, Alceny Guerra (PR) foi mais contundente: "O PFL vai romper com o governo. É questão de tempo. Se ficar com o governo, sua destruição é certa", afirmou, acrescentando que o rompimento ainda não ocorreu "por conta da exagerada afetividade", do partido ao presidente.

Para o ex-governador do Pará e ex-líder do PDS no Senado, deputado Aloísio Chaves (PFL-PA), "o PFL está manietado, por conta dos resultados das eleições do ano passado e esse imobilismo gera clima de desestímulo e desânimo no partido, que precisa se afirmar", diagnosticou. Aloísio Chaves reconhece que o quadro político é difícil para todos mas afirma que o "PMDB sempre viu Sarney como um corpo estranho que não pode rejeitar. O doutor Ulysses tem de encontrar terapêutica que impeça essa rejeição, que não beneficiaria o PMDB e geraria crise institucional. Não interessa ao PMDB esse clima de hostilidade, ainda que disfarçada, ao presidente da República.

Já o senador Carlos Chiarelli, líder do PFL no Senado, classificou as críticas do ministro Aureliano Chaves como "ponderações que lhe cabiam fazer". Além disso, continuou Chiarelli, "não somos um partido de homologação, de amém ou obediência. O ministro Aureliano Chaves, em seu último pronunciamento, só reafirmou nossa lealdade e solidariedade ao presidente José Sarney".

Louvor

A bancada do PFL, na Câmara, reunida ontem à tarde para examinar anteprojeto de regimento da Constituinte, aprovou voto de louvor ao ministro Aureliano Chaves e decidiu convidar o ministro da Fazenda, Dílson Funaro, para esclarecer a política econômico-financeira do governo, em data a ser ainda decidida.

Descontentamento

Até ontem a orientação do Palácio do Planalto era não repercutir as declarações do ministro Aureliano Chaves. E mesmo o ministro-chefe do Gabinete Civil, Marco Maciel, que momentos depois de ouvir a entrevista telefonou a Aureliano alertando sobre a gravidade do fato — mas não conseguiu demovê-lo de repetir suas críticas —, preferiu nada comentar.

Já o presidente José Sarney, mesmo sem se referir diretamente ao ministro das Minas e Energia, deu seu primeiro sinal de descontentamento com as críticas ao receber o senador Fernando Henrique Cardoso (PMDB-SP). Sarney disse que as soluções para todos os problemas econômicos do País repousam na política, mais precisamente na coesão das forças que integram a Aliança Democrática.

Fernando Henrique também não comentou as acusações de Aureliano, mas disse que "é preciso não esquecer as conquistas sociais do Plano Cruzado", acrescentando que Sarney prometeu que não permitiria que o País volte à recessão nem diminua a qualidade de vida do trabalhador.

Quanto à necessidade de coesão entre os partidos, Sarney lembrou, segundo Fernando Henrique, a atuação harmônica da Aliança Democrática quando da implantação do Plano Cruzado. Sarney acredita que se esse espírito se repetir "o governo atravessará a marola".

O deputado Ulysses Guimarães também ressaltou os aspectos positivos do Cruzado e disse ter conversado com Sarney, na noite de anteontem, revelando que ele está "disposto a enfrentar os problemas e confiante em que vai conseguir superar essas dificuldades". Ulysses admitiu desacertos no Plano Cruzado, mas disse também estar "convicto" de que as coisas se acertarão.